

ANÁLISE SOCIOLÓGICA SOBRE O DOCUMENTÁRIO O SAL DA TERRA: TRAZENDO À TONA O EXISTENTE INVISIBILIZADO**SOCIOLOGICAL ANALYSIS OF THE DOCUMENTARY THE SALT OF THE EARTH: BRINGING INVISIBILIZED EXISTENCE TO LIGHT** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.006-008>**Israel de Sousa Ribeiro**

Mestre em Sociologia (PPGS/UFPI-2023). Graduado em Pedagogia (UESPI-2014). Pós-graduado em Educação Especial na Perspectiva Inclusiva (IFRR-2025), Gestão e Supervisão Escolar (FLATED-2018), Docência do Ensino Superior (FAEME-2014); Psicopedagogia Clínica e Institucional (FAEME-2013).

Docente da Educação Básica.

E-mail: psicopedagogoisrael@gmail.com

Luana Vieira de Sousa

Doutoranda em Educação (PPGED/UFPI-2024); Mestre em Educação (PPGED/UFPI-2019); Graduação em Pedagogia (UESPI-2012). Pós-graduada em Gestão Escolar: espaços escolares e não escolares (UESPI/NEAD- 2016). Especialista em Atendimento Educacional Especializado/AEE (Faculdade Metropolitana-2021). Docente da Educação Básica.

E-mail: luana.v.sousa@hotmail.com

RESUMO

O presente ensaio versa sobre os aspectos sociológicos presentes no documentário *O sal da terra*, que exhibe as produções artísticas do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado numa perspectiva humanizadora. Através da lente sociológica o estudo problematiza fatores invisibilizados pelo sistema capitalista ao longo das eras, desvelando seu caráter excludente e desumanizatório no decurso da historicidade dos povos focalizados pelas lentes do fotógrafo. Nessa conjuntura, o estudo foi construído a partir de leituras bibliográficas, ancorando-se numa abordagem qualitativa e configura-se como uma pesquisa narrativa, com ênfase na análise de narrativas/recortes dos cenários alusivos ao documentário em discussão. Enseja-se que o estudo suscite discussões acerca da marginalização dos povos menos favorecidos em todo o mundo e evidencie as desigualdades sociais a que eles foram expostos pelos interesses do capital. As análises realizadas no estudo revelam que o documentário aponta caminhos de compreensão acerca da complexidade sócio-histórica em que as sociedades contemporâneas estão inseridas.

Palavras-chave: Análise sociológica; Documentário o sal da terra; Sistema capitalista.

ABSTRACT

This essay discusses the sociological aspects present in the documentary *The Salt of the Earth*, which showcases the artistic productions of Brazilian photographer Sebastião Salgado from a humanizing perspective. Through a sociological lens, the study problematizes factors that have been made invisible by the capitalist system over the ages, revealing their exclusionary and dehumanizing nature throughout the history of the peoples focused on by the photographer's lens. In this context, the study was constructed based on bibliographical readings, anchored in a qualitative approach and configured as a narrative research, with an emphasis on the analysis of narratives/excerpts from the scenarios alluding to the documentary under discussion. The study is intended to spark discussions about the marginalization of less favored peoples around the world and highlight the social inequalities to which they have been exposed by



the interests of capital. The analyses carried out in the study reveal that the documentary points to ways of understanding the socio-historical complexity in which contemporary societies are inserted.

Keywords: Sociological analysis; Documentary the salt of the earth; Capitalist system.



1 INTRODUÇÃO

O documentário *O sal da terra* dirigido pelo cineasta alemão Wim Wenders e Juliano Ribeiro Salgado, filho do fotógrafo Sebastião Salgado, foi lançado em 2014, e além de apresentar aspectos da biografia do fotógrafo, evidencia também a trajetória de escolhas que ele realizou durante sua vida, escolhas essas que fizeram dele um dos mais renomados fotógrafos brasileiros. Sabendo disso, importa contextualizar os marcos identitários de Sebastião Salgado, ressaltando que ele foi estudante de Economia na Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, onde conheceu sua esposa Lélia, com quem foi casado até seu falecimento. Devido a afinidade que tinha com os movimentos políticos de esquerda no período da ditadura militar, Sebastião Salgado foi morar em Paris no final da década de 60, onde teve contato com a primeira câmera fotográfica que pertencia à sua esposa, em 1973. Ao se apropriar da câmera fotográfica não parou mais de fotografar, o que acabou redirecionando sua vida.

Nessa conjuntura, cabe destacar que tecer uma análise crítica de base sociológica¹ da produção cinematográfica em questão, objetiva evidenciar que sua essência demonstra muito mais que a fotografia, visto que através da sensibilidade de Salgado, os registros fotográficos incorporam uma função social relevante, à medida em que confirma o papel impactante que a arte pode oferecer a sociedade, ao retratar as desigualdades sociais em que a humanidade se encontra, caracterizada pela marginalização de povos subalternizados em todo o mundo.

O documentário consiste em uma narrativa singular, uma vez que o ‘improvável’ passa a ser refletido pelas lentes de Salgado que, diferentemente de outros fotógrafos, não prioriza ‘o belo cultuado pelas lentes midiáticas’, mas focaliza as mazelas desprezíveis aos olhos das massas sociais, como o trabalho precarizado, a miséria, a fome, a doença, a mortandade, o descaso com a natureza e com aqueles que lutam pela sua preservação. Ao explorar cuidadosamente os sujeitos por trás das fotos, Sebastião Salgado revela o poder da fotografia e ratifica sua sensibilidade interpretativa ao dizer que a força do retrato é que, numa fração de segundos, se compreende toda a vida da pessoa.

Assim, é possível identificar estreita relação do trabalho do fotógrafo com a sociologia compreensiva, posto que para Weber (1999, p. 130) “[...] todo indivíduo histórico está arraigado, de modo logicamente necessário, em ideias de valor”, o que nos permite assegurar que o trabalho de Salgado é repleto de sentido(s), com ênfase em atribuições de juízo de valor, de base interpretativa, que transcende uma mera narrativa histórica. O documentário nos ajuda a pensar no entrelaçamento da linguagem artística com o campo da sociologia, à medida em que as dores e as delícias do ofício sociológico podem ser sentidas pelo esplêndido trabalho realizado pela desenvoltura do fotógrafo.

¹ O artigo emerge da disciplina Teoria Sociológica II, componente curricular do Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI-2021).

Por um lado, as dores do ofício do sociólogo podem ser sentidas através da percepção da realidade decadente na qual os seres humanos se produziram ao longo da história, em virtude de suas ambições desenfreadas. Por outro lado, as delícias desse ofício partem de um desassossego, proveniente do poder desalienante do pensamento sociológico, que revela as atrocidades causadas pelas arbitrariedades política, econômica, social e cultural do mundo, que fizeram e fazem mal uso do poder, centralizando as riquezas e ignorando a necessidade de distribuição equitativa de bens como fator indispensável para atingirmos a dignidade humana.

Dessa forma, discorrer sobre o documentário *O sal da terra*, a partir da perspectiva sociológica é, no mínimo uma tarefa desafiante, mas também provocativa e repleta de encanto. Provocativa porque ele apresenta uma saga narrativa singular, com recortes de diversas realidades invisibilizadas pela hegemonia capitalista que (des)controla os diversos povos.

O encanto, por sua vez, situa-se no descortinamento da beleza artística retratada pela lente fotográfica de Sebastião Salgado que, através de seus registros fotográficos diferenciados, traz à tona problemas sociais pouco explorados, constituindo-se como verdadeiras denúncias relativas à degradação da espécie humana ao longo das eras, desvelando a herança malévola que nos foi legada pela dominação do sistema capitalista, principalmente, na sua produção opressora, desumana e alienante, que solapa o modo de vida dos atores sociais.

2 METODOLOGIA: O TRAJETO PERCORRIDO

Enquanto parte fundamental do fazer científico, a metodologia revela os passos dados para a construção da pesquisa. Nesse sentido, ela é “mais que uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizados, indica as conexões e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico e os objetivos de estudo” (Minayo, 2009, p. 46). Essas definições, por sua vez, permitem que o alcance dos resultados se torne uma realidade em sua concretude.

Nessa perspectiva, em seu aspecto metodológico, este estudo está ancorado na abordagem qualitativa, voltado para a análise de dados que não podem ser expressos em números ou não podem se limitar a uma análise apenas numérica. Para tanto, Minayo (2001, p. 21-22) assegura que essa tipologia de pesquisa “trabalha com significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Logo, a pesquisa qualitativa consiste em um método de investigação pautado no caráter subjetivo, com foco nas particularidades e experiências individuais de cada sujeito.

Não obstante, definimos como tipo de pesquisa, a pesquisa narrativa, que tem ganhado destaque no campo das ciências humanas e sociais por reconhecer o valor epistemológico das histórias de vida, das experiências e das subjetividades inerentes aos sujeitos. Trata-se de um tipo de pesquisa que compreende

os sujeitos como seres narrativos, cujas experiências são organizadas, ressignificadas e comunicadas por meio de relatos/narrativas. De acordo com Clandinin e Connelly (2000), a narrativa não é apenas uma forma de contar uma experiência, mas também uma maneira de compreendê-la e produzir conhecimento sobre o mundo, sendo histórias e modos legítimos de conhecimento e expressão da experiência humana.

Além disso, a pesquisa narrativa é um campo que se sustenta na interseção entre experiência e linguagem, possibilitando a análise de como os indivíduos atribuem sentidos aos eventos vividos. Larrosa (2002) ressalta que a narrativa é um dispositivo que dá forma à experiência, promovendo um exercício reflexivo sobre si mesmo e sobre o mundo. Assim, a narrativa é compreendida como processo formativo e epistemológico, capaz de produzir saberes a partir da singularidade dos sujeitos. Isso se alinha à proposta deste estudo, que busca extrair sentidos a partir das narrativas visuais e verbais apresentadas no documentário *O Sal da Terra*.

Para fortalecer essa ideia, Delory-Momberger (2006) destaca que a narrativa é um espaço de construção de identidade e de produção de saberes sociais. Quando alguém conta uma história, não está apenas contando fatos, mas também se inscreve em uma rede de significações coletivas, culturais, sociais e históricas que fazem parte do seu contexto. A pesquisa narrativa, nesse contexto, assume um papel crítico e também de (auto)formação, permitindo a análise das trajetórias individuais como representações de processos sociais mais amplos. Isso se mostra especialmente pertinente quando se analisa uma obra audiovisual que retrata histórias de vidas marcadas por deslocamentos, trabalho, exclusão e resistência(s).

A escolha da pesquisa narrativa como método para este estudo se justifica pelo próprio tema em análise: o documentário *O Sal da Terra*, que é estruturado por meio de relatos, imagens e experiências de vida que dialogam profundamente com questões sociais e existenciais de forma profunda. As narrativas visuais presentes nele ajudam a construir sentidos sobre o ser humano, o trabalho, a dignidade e a memória. Logo, compreender essas narrativas requer mais do que uma análise técnica da linguagem cinematográfica, exige uma escuta sensível às experiências e significados contidos nas narrativas, o que permite acessar tais sentidos de forma densa e contextualizada, articulando a dimensão subjetiva entrelaçada a crítica social.

Entendemos que o documentário *O Sal da Terra* constitui uma potente narrativa visual e sociológica, ao registrar e representar trajetórias humanas marcadas por processos de exclusão, trabalho exaustivo, deslocamentos e resistência(s). Ao retratar as experiências e o olhar do fotógrafo Sebastião Salgado, o documentário ultrapassa o caráter artístico e assume uma dimensão social e política, revelando realidades silenciadas e denunciando desigualdades estruturais. Nessa conjuntura, o documentário não apenas exhibe imagens, mas constrói uma narrativa que interliga o individual ao coletivo, o estético ao ético, e o biográfico ao social.

Neste trabalho a análise é composta por trechos selecionados do documentário *O Sal da Terra*, que evidenciam momentos significativos da trajetória do fotógrafo Sebastião Salgado. A seleção das narrativas

se deu com base em passagens marcantes, das quais emergem temas sociais de grande relevância, como desigualdades, migração, trabalho, dignidade humana e relações entre o homem e a natureza. Esses fragmentos foram analisados à luz da pesquisa narrativa aliada ao pensamento sociológico, considerando não apenas os conteúdos verbais, mas também os elementos visuais e simbólicos que compõem o documentário.

A análise buscou ainda estabelecer conexões entre as experiências relatadas no documentário e os aspectos sociológicos subjacentes, interpretando como as imagens e as narrativas expressam dimensões coletivas da realidade social. Desse modo, a investigação se estruturou a partir do entrelaçamento entre narrativa visual e análise crítica, permitindo a construção de sentidos sociológicos a partir da experiência e biografia apresentada.

Dessa forma, a escolha pela pesquisa qualitativa, do tipo narrativa, potencializou os objetivos do estudo, permitindo uma abordagem sensível e interpretativa das experiências humanas retratadas no documentário. A análise dos trechos selecionados, fundamentada em referenciais sociológicos, possibilitou compreender como as narrativas visuais e verbais articulam múltiplas dimensões, configurando-se como fontes legítimas de reflexão e produção de conhecimento. Portanto, a metodologia adotada valorizou a escuta das vozes narradas nas imagens, a fim de promover uma leitura crítica das realidades sociais captadas e contribuir para o entendimento da complexidade sócio-histórica dos fenômenos humanos contemporâneos.

3 O DIÁLOGO SOCIOLÓGICO SUBSCRITO NO DOCUMENTÁRIO O SAL DA TERRA

Ao dialogarmos com os pensadores Zygmunt Bauman e Tim May no livro “Aprendendo a pensar com a Sociologia” (2010), encontramos análises elucidativas no tocante aos fenômenos sociais exibidos no documentário O sal da terra, que nos ajudam a entender como “atores individuais tornam-se objeto das observações de estudos sociológicos à medida que são considerados participantes de uma rede de interdependência” (Bauman; May, 2010, p. 17), assegurando que o olhar sociológico corresponde a busca permanente por respostas a seguinte interrogação: “Como nossas biografias individuais se entrelaçam com a história que partilhamos com outros seres humanos?” (Bauman, May, 2010, p. 20).

Assim como as cenas do documentário despertam os breus dos telespectadores e são convidativos ao retorno da essência humana, o pensamento sociológico possui a capacidade de tornar os indivíduos mais sensíveis e possuidores de [...] “sentidos afiados e olhos abertos para novos horizontes além das experiências imediatas, a fim de que possamos explorar condições humanas até então relativamente invisíveis” (Bauman, May, 2010, p. 22-23).

Entre pontos e contrapontos expressos no decorrer do documentário, o telespectador é envolto pela belíssima e emocionante incursão no universo das linguagens fotográfica e cinematográfica. Por

consequente, logo nas cenas iniciais é descortinado o cenário horripilante da Serra Pelada, no estado do Pará, sob um contexto realístico, marcado por intensas cenas de trabalhadores em condições análogas ao trabalho escravo, revelam que a escravidão incorporou novos moldes e o processo de colonização e dominação permaneciam ali a todo vapor.

Movido pela comoção, Sebastião Salgado descreve o que viu: “um formigueiro humano, com milhares de pessoas subindo e descendo por um terreno com ângulo de praticamente noventa graus. Vi passar diante de mim, numa fração de segundo, a história da humanidade. A história da construção das pirâmides, a torre de babel, as minas do Rei Salomão. [...] Eu tinha regressado ao início dos tempos” (Salgado, 2014).

As imagens são impactantes, trazem a percepção do estranho como algo familiar -trabalho escravo, segregação social, recortes da história do Brasil - bem como do familiar que causa estranheza, demarcada pela crueldade insana de seres individualistas que só enxergam a si mesmos e aos seus subgrupos, fechando os olhos para a importância do viver solidário e coletivo. Cada cena evoca reflexões sobre o processo desumanizatório ao qual a humanidade foi submetida, processo este que subverte o *ser* e estabelece o *ter* como pré-condição para manutenção da vida, conduzindo os sujeitos à busca escravizante pelas riquezas, sem perceber todos os fetiches² devastadores subjacentes a essa busca. Contudo, essa lógica omite que:

O capitalismo, ao transformar dinheiro em mercadorias, que servem de matérias constituintes de um novo produto ou de fatores do processo de trabalho, ao incorporar força de trabalho viva à sua objetividade morta, transforma valor, trabalho passado, objetivado, morto em capital, em valor que se valoriza a si mesmo, um momento animado que começa a “trabalhar” como se tivesse “amor no corpo” (Marx, 1985, p. 160-161).

Nesse misto de ambivalências, o pensamento sociológico ganha força como forma de alento em face da necessidade da interdependência humana, que se constitui como um dos maiores desafios à nossa raça, tendo em vista que por séculos fomos direcionados para um modo de vida sustentado sob os preceitos individualistas e competitivos do capital, que se expressam de maneira selvagem para alcançar seus objetivos, ainda que para isso vidas sejam tragadas. Desse modo, a relação com o trabalho “[...] significa sujeitar a pessoa inteira, corpo e alma, à tarefa determinada pelo empregador, para quem o trabalhador se torna simples meio para a realização de seus objetivos” (Bauman, May, 2010, p. 26).

Dada essa realidade, à luz da ciência social Bourdieu (2003) através de seu olhar crítico, percebeu que o sociólogo não pode deixar de ser incômodo, mas deve revelar o escondido, embora há quem não tolere ouvir o som ecoante da verdade. A pobreza retratada por Salgado, paradoxalmente, traz brilho aos olhos de quem vê, pois tematiza os problemas sociais, no sentido de revelar aqueles que são oprimidos pela

² Para Karl Marx (1985), o fetiche é uma relação social entre pessoas, mediada por coisas, já que na sociedade capitalista, o processo de produção se autonomiza em relação à vontade do ser humano; personificação do capital/coisificação.

dominação do pensamento, ou seja, aqueles que são ludibriados, conduzidos a agir na direção de sua própria autodestruição. Em decorrência dessa realidade, cabe destacar que o papel do sociólogo é revelar a lógica que subverte a essência humana e priva os sujeitos da dignidade de viverem sua própria história.

A partir dos relatos de Sebastião Salgado, é possível inferir que os indivíduos são conduzidos a incorporação de *habitus* que descaracterizam e desessencializam sua origem humana. Nessa perspectiva, Bourdieu (2005, p. 191), traz a compreensão do conceito de *habitus* ao defini-lo “como sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”, que desvela a pobreza, a miséria e, conseqüentemente, a morte, como reproduções de ações sociais aceitas tacitamente, sustentadas pela limitação do capital cultural desses sujeitos, dada a realidade cruel a qual estão submetidos.

Não obstante, o documentário dá lugar de fala aos desfavorecidos, ainda que isso seja feito por meio da fotografia, como forma de resgate da própria história humana, marcada por direitos sonogados, furto cultural, privação de acesso aos elementos básicos inerentes a vida, experiências desperdiçadas em função da lógica criada e defendida, a todo custo, pelo sistema capitalista, mostrando-se imperiosa e destrutível ao longo das eras.

A partir desse contexto a percepção de que a vida humana orbita por diversos *campos*, que são como “[...] sistema de desvio de níveis diferentes e nada, nem nas instituições ou nos agentes, nem nos actos ou nos discursos que eles produzem, têm sentido senão relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções” (Bourdieu, 2003, p. 179). Com base nisso, Salgado através de sua obra artística revela que todos os povos, raças e nações são partes de um processo sócio-histórico conflituoso, contudo, se fossem todos tratados pelo viés humano, a história, certamente, teria sido escrita sem a sofreguidão retratada no documentário.

Endossando a discussão acerca dos povos invisibilizados ao longo do tempo, Boaventura dos Santos (2004) ao tratar sobre o conhecimento prudente para uma vida decente, discorre sobre a razão metonímica, estabelecendo-a como condição necessária para recuperarmos as experiências desperdiçadas, em virtude das ideias totalizantes, que atuam engenhosamente a serviço da ordem, como se existisse uma lógica exclusiva que governa o [todo], ignorando assim, o fato de que as partes podem ser pensadas fora da relação com a totalidade. Dando forma as suas proposições, o sociólogo sinaliza para um pensamento sociológico emergente, que transita no sentido de superarmos o conhecimento reducionista ancorado na realidade social.

Indo mais a fundo nas contribuições de Boaventura (2002), é possível visualizar perspectivas de mudanças ao perceber que estamos passando por uma transição paradigmática, que transita para uma nova forma de conhecimento. Um conhecimento que emana da invenção social que se constituirá como um novo conhecimento de cunho emancipatório, dando origem a uma epistemologia insurreta, que olhará para os

problemas de modo a considerá-los como tais, a ponto de visualizar e lutar pelas possíveis soluções que eles exijam para a superação dessa realidade que ignora a condição dos povos esquecidos e subalternizados, aqueles que tiveram seus holofotes captados pelas lentes de Sebastião Salgado no filme.

Contudo, Boaventura não seria ingênuo de achar que essa transição seria fácil, mas ele esclarece que a mudança é possível, e ela pode vir através da sociologia das ausências, com atitudes transgressivas, que partam do inconformismo e da busca pela credibilidade dos povos que tanto sofreram com os espistemicídios escamoteados pela história fajuta que nos foi contada. Agindo dessa forma a sociologia das ausências não permanecerá uma sociologia ausente diante das verdadeiras problemáticas sociais. Nessa perspectiva, o teórico atua na defesa da ‘ecologia dos saberes’, isto é, o diálogo entre vários saberes que podem ser considerados úteis para o avanço das lutas sociais, contrapondo-se a todo modelo de desenvolvimento que considera as populações invisíveis uma barreira para o progresso.

Prosseguindo na análise dos cenários fotografados por Sebastião Salgado, parece que eles reviraram o fotógrafo pelo avesso. A proximidade com a dureza das realidades sociais focalizadas pelas suas lentes, em cada trajetória, adoeceu sua alma, pois segundo ele a cada pessoa morta, um pedaço do mundo morreu com ela. Comovido com as cenas apocalípticas que presenciou, o fotógrafo confessa que nossa história é uma história de guerras. É uma história sem fim. Uma história de repressão, uma história...doentia. Diante disso, podemos encontrar indícios de esperança nos escritos do sociólogo Manuel Castells, que através de suas análises globais da sociedade em rede, propõe uma ruptura com tudo aquilo que gera as mazelas sociais:

A ruptura é mais profunda, tanto em nível emocional quanto cognitivo. Trata-se do colapso gradual de um modelo político de representação e governança: a democracia liberal que se havia consolidado nos dois últimos séculos, à custa de lágrimas, suor e sangue, contra os Estados autoritários e o arbítrio institucional. Já faz algum tempo, seja na Espanha, nos Estados Unidos, na Europa, no Brasil, na Coreia do Sul e em múltiplos países, assistimos a amplas mobilizações populares contra o atual sistema de partidos políticos e democracia parlamentar sob o lema “Não nos representam!”. Não é uma rejeição à democracia, mas à democracia liberal tal como existe em cada país, em nome da “democracia real”, como proclamou na Espanha o movimento 15-M. Um termo evocador que convida a sonhar, deliberar e agir, mas que ultrapassa os limites institucionais estabelecidos (Castells, 2018, p. 8).

A ruptura é precedida pelo forte clamor social direcionado a efetivação de uma democracia desvinculada do ideal neoliberal, já que este caracteriza-se pela criação de uma pseudodemocracia, constituindo-se como um verdadeiro faz de conta, que acentua a exclusão social e se mantém às custas das catástrofes que provocou ao longo do tempo. A falência do sistema político neoliberal indica que ele precisa ser sepultado de uma vez por todas, sem espaço para ressurgir sob suas múltiplas justificativas e controvérsias.

Ao analisar o documentário por outro ângulo, é inegável a dedicação engenhosa de Sebastião Salgado. Movido por uma entrega sem reservas, ele pôde nos ensinar valiosíssimas lições com suas jornadas ao redor do mundo, além de produzir diversos livros que são genuínas relíquias da história da humanidade. Em suas idas e vindas, seja no nordeste brasileiro, na Europa, na África, seja na América Latina ou em outras partes do mundo por onde passou, através de seus registros fotográficos, visualizamos um grande pesquisador, porquanto seu exemplo de entrega é de uma singularidade muito rara.

Em contrapartida, podemos aprender com Salgado aquilo que é defendido pelo arquiteto da complexidade, Edgar Morin (2005), quando este ressaltou que somos *homo sapiens*, mas somos também *homo sapiens-demens*, isto é, os sentimentos e as emoções são elementos inerentes a raça humana e, portanto, são necessários à produção do conhecimento. Nesse misto paradoxal “[...] um pensamento unificador abre-se de si mesmo para o contexto dos contextos: o contexto planetário” (Morin, 2000, p. 25).

Diante da incontestável complexidade humana, em face dos contextos retratados por Salgado, torna-se urgente a necessidade de uma reforma do pensamento, a fim de percebermos que o conhecimento pode ser mais útil através da consideração da complexidade inerente a ele, isso pode ser viabilizado [...] “pela capacidade de contextualizar e englobar” (Morin, 2000, p. 15). Partindo desse pressuposto, Morin sinaliza que devemos nos desvincular do pensamento unilateral, que restringe o ser humano ao aspecto racional. Podemos afirmar que o pensamento de Sebastião Salgado exerce uma dialogia com as contribuições de Morin, tendo em vista que a trajetória de vida dele é marcada por uma busca interior que denota o anseio de retornar as suas origens, assim como ao seu próprio lar. Ao regressar ao interior de Minas, Sebastião passou a investir no projeto socioecológico de reconstrução daquela área desmatada, estabelecendo assim uma nova via, indo muito além dos registros fotográficos, nos fazendo compreender que mesmo diante das incertezas da vida é necessário aprender a cultivar nossa identidade terrena.

Na busca pela cura interior, Sebastião Salgado e Lélia trabalharam juntos na recuperação da floresta e da biodiversidade das terras desmatadas. O reflorestamento da fazenda resultou na criação de uma organização civil sem fins lucrativos, responsável pelo plantio de mais de duas milhões de plantas de Mata Atlântica, que deu origem ao Instituto Terra. As ações de Salgado deixam claro que a mudança é necessária e possível, desde que a gente esteja profundamente engajado nela. Sendo assim, podemos utilizar a crítica de Jessé Souza como injeção de ânimo, pois suas reflexões sinalizam aspectos reveladores em direção à mudança:

Uma sociedade não se muda com uma agenda programática caída do céu. Uma sociedade se transforma quando a percebemos de modo mais verdadeiro e crítico. Uma percepção modificada e crítica muda a sociedade por dentro e de modo capilar e abrangente, posto que transforma, também, todo o nosso comportamento nela. Assim, pensar de modo distinto já é, também, se comportar de maneira nova. Não existe o hiato que imaginamos entre pensamento e ação. Pensar de modo distinto é agir de modo distinto, já que são as ideias (sempre ligadas a valores e avaliações do mundo) que movem e direcionam nosso comportamento numa direção específica. Essa é a função de uma teoria efetivamente crítica. Propiciar a mudança concreta a partir da crítica e da renovação das ideias e das avaliações morais que motivam nossa ação e nosso comportamento (Souza, 2018, p. 272).

A crítica aliada a mudança de atitude podem ser os elementos essenciais para trilharmos o caminho da emancipação social. Elas parecem nos convocar ao retorno a nossa essência, aquilo que deixamos de ser quando fomos movidos pela lógica do capitalismo alienante que implantou “[...] uma exploração aberta, direta, despidorada e brutal [...] tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens” (Marx, 1998, p. 51).

Contrariando essa lógica que sabota a raça humana, nas sagradas escrituras o revolucionário Jesus de Nazaré parece ter deixado um alerta peculiar a temática do filme “Vós sois o sal da terra; ora, se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens” (Almeida, 2007, p. 1039). Não obstante, em outras palavras, o alerta bíblico parece ratificar: vós seres humanos são responsáveis pela preservação da vida, mas se continuarem lutando uns contra os outros jamais subsistirão.

Desse modo, mantenhamos vivas em nossa memória as sábias palavras de Sebastião Salgado, ao afirmar que “as pessoas são o sal da terra” (Salgado, 2014). Embora o documentário apresente cenas de morte e sofrimento, em larga escala, ele trouxe cheiro de vida e a voz que ecoa ao assisti-lo tem som de esperança, aquela defendida por Paulo Freire (1992)³ não a esperança que restringe-se a espera, mas aquela do verbo esperançar.

É preciso ter esperança. Mas tem de ser esperança do verbo esperançar. Por que isso? Porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. Esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Já esperançar é ir atrás, é se juntar, é não desistir. É ser capaz de recusar aquilo que apodrece a nossa capacidade de integridade e a nossa fé ativa nas obras. Esperança é a capacidade de olhar e reagir àquilo que parece não ter saída. Por isso, é muito diferente de esperar; temos mesmo é de esperançar!

Esperançando, é mister ressaltar que este ensaio não teve em sua tecitura o engajamento com ideias progressistas (aquelas, que consciente ou inconscientemente, atuam ou reforçam a mesma lógica dos ideais liberais positivistas), na certeza de que a análise sociológica aqui delineada, a partir da aula de história dada por Sebastião Salgado em seu documentário, configura grande ensejo para cometermos algumas desobediências epistêmicas (Mignolo, 2008), distanciando-nos de qualquer tentativa de padronização das

³ Disponível em: [Paulo Freire esperançar | Resultados da pesquisa | ZÉducando \(wordpress.com\)](#). Acesso em: 26 nov. 2021.

relações sociais, econômicas e subjetivas dos povos, a fim de respeitarmos e garantirmos sua independência social, intelectual, epistemológica e de poder, distanciando-se, portanto, da organicidade social durkheimiana, que concebe o ser humano numa perspectiva funcionalista na tecitura social.

Nesse sentido, em face da pertinência evocada por este estudo, torna-se válido frisar a importância do cultivo do olhar atento, bem como da sensibilidade na constituição do pensamento sociológico, características essas tão bem apresentadas em *O Sal da Terra*. Dito isto, alertamos: não deixemos nossa imaginação e criatividade atrofiarem, pois a doença social instaurada no planeta pelo sistema capitalista e reforçada pela racionalização do pensamento, pode e deve ser combatida, através do inconformismo como poder desalienante transgressivo de toda ordem social que não contemple todos os povos, raças e etnias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o realismo utilizado com maestria pelo fotógrafo Sebastião Salgado, no documentário *O Sal da Terra*, fomos chacoalhados, no intento de sermos libertos da insensibilidade anestésica disseminada pela racionalidade moderna, partindo da ação reflexiva rumo ao compromisso com o bem viver social. Assim, muitos sentimentos foram suscitados pelas cenas expostas na obra cinematográfica, dentre eles indignação, comoção, revolta e resignação contra as atrocidades geradas pelo sistema capitalista. Cabe destacar que a empreitada de Salgado apresenta-se como um milagroso colírio para a cura da cegueira daqueles que atuam a serviço da injustiça social, cujos olhos abarcam somente seus próprios interesses macabros e mesquinhos, em detrimento do bem coletivo.

Podemos inferir que o documentário oferece uma enxurrada de água de chocalho a todos que permanecem emudecidos diante das atrocidades decorrentes das desigualdades sociais, que são expostas em fartura, como finas iguarias excludentes, oriundas das decisões da classe empresarial em todo o mundo e servidas através dos mais sofisticados pratos com sabor de egoísmo, ganância, soberba e insignificância pelos barões do poder e pelos seus aliados políticos, que fazem das instituições sociais potentes aparelhos ideológicos do Estado, constituindo-se como verdadeiros mantenedores da ordem dominante.

Para além disso, é perceptível a existência de uma elite insensível que não mede esforços quando o assunto é a reprodução dos ardis inescrupulosos da politicagem, que gera pobreza desmedida e materializa com isso aquilo que foi anunciado por Chomsky (2013) que denunciou o estado capitalista, alegando que ele tem como um de seus princípios a socialização dos custos e dos riscos ao máximo, enquanto o lucro fica restrito a uma minoria, reverberando as desigualdades sociais em larga escala ao redor do planeta.

Sintetizando este ensaio analítico que procurou estreitar o diálogo entre as linguagens cinematográfica e o pensamento sociológico, elencando pontos convergentes entre o fazer artístico e o ofício de sociólogo, sem contudo, ignorar as possíveis críticas relativas a Sebastião Salgado ao fotografar a miséria alastrada pela historicidade mundial e divulgar imagens catastróficas de pessoas marcadas pelo



sofrimento opressor causado pelo capitalismo. Conquanto, não poderíamos ser injustos ao desconsiderar que o trabalho artístico de Salgado trouxe visibilidade aos marcos históricos encobertos pela racionalidade moderna.

Vale destacar que as reflexões suscitadas neste estudo apresentam verdadeiras armas contra as motivações escusas do capitalismo, que tem levado a humanidade a agir no sentido de sua autodestruição, seja ocultando a realidade histórica de seus povos, seja fomentando barbáries contra ela. Resta-nos trilharmos uma nova via, considerando a complexidade humana e buscando alternativas que estejam a serviço da vida e da efetivação da mobilidade social.

Por fim, sem a pretensão de esgotar as discussões em torno do tema em discussão, a análise do documentário nos ajuda a entender os sentidos das imagens e dos discursos que aparecem nas experiências retratadas. Ela conecta memória, identidade e crítica social de forma mais profunda. O estudo procurou dialogar com temas atuais, como a crise ambiental, a exploração do trabalho, os efeitos da migração forçada e os limites do desenvolvimento. Assim, essa leitura vai além da aparência estética, chegando à complexidade dos dramas humanos que estão por trás das imagens.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Ferreira de. Bíblia sagrada: velho e novo testamento. Trad. Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri, São Paulo, 2007.
- BECKER, Howard S. Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- BARTHES, Roland. Image, Music, Text. Trans. Stephen Heath. New York: Noonday, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. Aprendendo a pensar com a Sociologia. Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 2003.
- CASTELLS, Manuel. Ruptura: a crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- CHOMSKY, Avram Noam. Mídia: Propaganda Política e Manipulação, Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2013.
- CLANDININ, D. Jean.; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: Ed. UFU, 2015.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.
- GATTI, B; ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: PFAFF, N.; WELLER, W. Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.
- MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Vol. 1. Coleção os economistas. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1985.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. O Manifesto do Partido Comunista. São Paulo, Boitempo, 1998.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000.
- MORIN, E. O método 5: a humanidade da humanidade. Trad. Juremir M. da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.
- MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.



SANTOS Boaventura Souza de. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS Boaventura Souza de. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *In*: Conhecimento prudente para uma vida decente. São Paulo: Cortez, 2004.

SOUZA, Jessé. Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

WEBER, Max. Metodologia das ciências sociais. ed. 2. Campinas-SP: Cortez: Universidade Estadual de Campinas, 1999.